

Angel para o Shabat

## **Rezando juntos e separados Reflexões da Parashá Beshalach, 5777.**

Pelo Rabino Marc D. Angel

O falecido rabino Shlomo Carlebach fundou uma sinagoga em Berkeley durante a década de 1960, a fim de alcançar os muitos jovens judeus que se afastaram da tradição judaica. Ele a chamou de *Casa de Amor e da Reza*. No verão de 1967, ele foi convidado a explicar sua visão para esta sinagoga.

Ele respondeu: “*Aqui está à coisa toda, simples como ela é. A Casa do Amor e da Reza é um lugar onde, quando você entra, alguém o ama, e quando você sai, alguém sente sua falta*”. (Citado em “*Rabbi Shlomo Carlebach: Life, Mission and Legacy*”, de Natan Ophir, Urim Publications, 2014, p.119)

Nestas poucas palavras, Rabi Carlebach expressou uma introspecção profunda digna da imortalidade! Ele ofereceu uma visão não apenas para a *Casa do Amor e da Reza*... mas para todos os lugares de adoração judaica. Quando nos reunimos para rezar, estamos imensamente fortalecidos espiritualmente se sentimos harmonia e amor entre nossos companheiros de adoração. O valor de cada indivíduo é medido se ele ou ela da saudade depois de deixar a sinagoga. As pessoas realmente se preocupam umas com as outras? Elas se relacionam calorosamente uma com a outra? Eles compartilham uma busca espiritual?

Algumas sinagogas se esforçam para alcançar os objetivos articulados pelo rabino Carlebach. Elas dedicam grande esforço para manter uma comunidade harmoniosa, para apreciar a singularidade de cada membro, para criar um ambiente espiritual onde as pessoas possam sentir o sentido da **Presença Divina**. Outras sinagogas são caracterizadas por lutas políticas internas, “*macheritis*” (onde os indivíduos procuram afirmar sua auto-importância), a reza não é genuinamente séria. Algumas sinagogas tendem para um sentimento impessoal, de modo que ninguém se importa se você vem ou vai, e poucas pessoas se preocupam em receber um visitante. Em algumas sinagogas, a harmonia do amor e da reza é diminuída pela conversa excessiva entre fiéis (e clero!), por pessoas que lêem livros que não é livro de rezas, por uma ironia irreverente.

Na Parasha desta semana, lemos a Canção cantada por Moshe e os filhos de Israel depois que de forma milagrosa eles atravessaram o Mar Vermelho e testemunharam a destruição de seus perseguidores egípcios. “*Então cantavam Moshe e os filhos de Israel este Cântico ao Senhor, e eles falaram, dizendo: Cantarei ao Senhor, porque Ele é exaltado...*” (15:15). O versículo nos informa que Moshe e os israelitas - no plural - cantavam uma canção de louvor ao Todo-Poderoso. Mas quando a canção realmente começa, ela muda para o singular - cantarei.

Creio que este versículo está aludindo a uma verdade vital relacionada à reza. Quando rezamos como uma congregação, somos uma comunidade de pessoas. Nós somos o plural. No entanto, também somos indivíduos únicos que têm diferentes pensamentos, sentimentos, talentos e sensibilidades. Nós nos unimos como um “*nós*”, mas quando começamos a rezar, fazemos isso como um “*eu*”. A realidade espiritual é criada quando o “*nós*” e o “*eu*” estão em harmonia, quando toda a comunidade sente a unicidade entre si e na sua relação com D-s.

**Shabat Shalom.**